

# “Vamos sair dessa”

## FH rechaça idéia de que a crise ameça Mercosul

JAILTON DE CARVALHO

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou ontem que a crise cambial brasileira não forçará um retrocesso no Mercosul, como vem sendo divulgado por analistas financeiros dos quatro países integrantes do bloco econômico. “Nós vamos sair dessa turbulência pela qual estamos passando com o sentimento, mais forte ainda, de que precisamos reforçar as relações dentro do Mercosul”, disse Fernando Henrique depois de se reunir, por quase uma hora, no Palácio da Alvorada, com o presidente do Uruguai, Julio María Sanguinetti.

O governo brasileiro acredita, no entanto, que o problema não está,

nem de longe, superado. Nós próximos dias, Fernando Henrique, Sanguinetti e seus colegas da Argentina, Carlos Menem, e do Paraguai, Raul Cúbas, vão se reunir para definir um conjunto de medidas com o objetivo de preservar o Mercosul contra a crise cambial do Brasil. Segundo o presidente, o mercado comum é um sonho “antigo”, que começou a ser “delineado” a há alguns anos e que, apesar das adversidades atuais, será levado adiante.

Fernando Henrique lembrou ainda que a União Européia passou recentemente por problemas semelhantes aos do Mercosul, mas conseguiu superá-los. “A UE se mantém sólida e, agora, tem até uma moeda comum”. O ponto de vista do presidente foi apoiado por Sanguinetti, que veio ao Brasil, depois de passar pela Venezuela, a pedido de Fernando Henrique. Segundo o presidente uruguaio, o governo brasileiro vem adotando as medi-

das corretas para conter a desvalorização do real e a crise cambial já está sendo superada.

“As negociações (do Brasil) com o Fundo Monetário Internacional estão avançando. Isso é um bom sinal para o mercado e para nós (uruguaios) também”, disse Sanguinetti. “Uma boa notícia para o Brasil é uma boa notícia para nós”, acrescentou. Para ele, o importante agora é que os governos dos quatro países adotem medidas para “restabelecer” o fluxo comercial normal do Mercosul.

A crise cambial no Brasil provocou, inicialmente, uma forte reação da Argentina, Uruguai e Paraguai. Os dirigentes destes países temem que, com a desvalorização do real, o Brasil aumente excessivamente suas exportações para os parceiros que, automaticamente, veriam reduzidas suas exportações para o Brasil. A reação mais forte partiu do governo argentino.